



**IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS**
V SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
IV CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL

(Eixo: Ordem patriarcal de gênero e relações sociais de sexo)

O machismo na cena universitária: miúdas considerações

Latif Antonia Cassab ¹
Jade Faidiga Leite Degea ²
Ingrid Emanuelle Larocca Falda ³

Resumo

O trabalho em questão é oriundo de uma pesquisa qualitativa cujo objetivo foi conhecermos as expressões decorrentes da cultura machista: *manterrupting*, *bropropriating*, *gaslighting* e *mansplaining* e, o quanto tais comportamentos e atitudes se fazem presentes nas interações sociais. A investigação se pautou na pesquisa bibliográfica, com fontes impressas e virtuais. Historicamente, a sociedade mantém como paradigma o modelo patriarcal, influenciado por uma ideologia machista, onde, quase sempre, as interações estabelecidas entre homens e mulheres ocorrem com formas assimétricas, marcadas por múltiplas expressões de violência. Concluímos que há um longo caminho a percorrer para superação da violência de gênero através da superação do machismo.

Palavras-chave: atitudes e comportamentos; machismo; relações sociais.

Abstract:

The work in question comes from a qualitative research whose objective was to know the expressions resulting from the sexist culture: *keeperrupting*, *bropropriating*, *gaslighting* and *mansplaining*, and how much such behaviors and attitudes are present in social interactions. The investigation was based on bibliographic research, with printed and virtual sources. Historically, society maintains the patriarchal model as a paradigm, influenced by a sexist ideology, where, almost always, the interactions established between men and women occur in asymmetrical ways, marked by multiple expressions of violence. We conclude that there is a long way to go to overcome gender violence through overcoming machismo.

Keywords: attitudes and behaviors; chauvinism; social relationships

1. INTRODUÇÃO

“A força da ordem masculina pode ser aferida pelo fato de que ela não precisa de justificação: a visão androcêntrica se impõe como neutra e não tem necessidade de se enunciar, visando sua legitimação”.
BOURDIEU, Pierre, 1998

¹ Docente e pesquisadora, Universidade Estadual do Paraná, *Campus* Apucarana, Pós-doutorado pela UFSC, Programa de História, latif_cassab@yahoo.com.br

² Estudante em Serviço Social, Universidade Estadual do Paraná, *Campus* de Apucarana, jadedegea@icloud.com

³ Estudante em Serviço Social, Universidade Estadual, *Campus* de Apucarana, ingridlaroccafalda@hotmail.com



Historicamente a sociedade mantém como paradigma o modelo patriarcal, influenciado por uma ideologia machista, onde, quase sempre, as interações estabelecidas entre homens e mulheres ocorrem de formas assimétricas, com expressões de violências. Culturalmente, cabe ao homem assumir um posicionamento antropocêntrico, sendo-lhe vetado se apresentar com características que o diferenciem deste padrão.

O machismo se apresenta ao longo da história. Não nasceu com a propriedade privada no período pré-feudal europeu, mas esse último é que se baseou nele. Não se revelou como uma invenção da modernidade. Não se fez a partir da origem do capitalismo, ao contrário, o capitalismo se gestou a partir de um pensamento machista. Também não nasceu com as Igrejas, ao inverso, as Igrejas tomaram seus contornos. O machismo não tem origem, nem nacionalidade. Não depende do racismo nem mesmo de classes sociais para existir, mas acompanha a evolução das culturas das quais somos herdeiros em um devir histórico.

As estruturas mais elementares da nossa sociedade – como o Estado, a religião, no núcleo familiar, o conhecimento, a educação, a escola, a ciência, a filosofia, a indústria, as classes sociais, o racismo, nasceram modeladíssimas por ele, portanto, o machismo é considerado, também, como um sistema. (MOSCHOVICK, 2015).

Neste sentido, o trabalho que apresentamos é resultado de uma pesquisa de natureza qualitativa, cujo objetivo foi conhecermos o quanto os comportamentos e atitudes machistas, quase sempre invisíveis no cotidiano se fazem presentes nas interações. Desses comportamentos, apresentamos quatro: *manterrupting*, *bropropriating*, *mansplaining* e *gaslighting*; batizados em inglês, mas que apesar de não haver no Brasil uma tradução oficial, são designados em versões em português, por estudiosos do assunto. Reconhecer tais comportamentos e atitudes pressupõe condições para enfrentamento e estabelecimento de outro patamar civilizatório entre homens e mulheres.

2. REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO: UM OLHAR SOBRE O MACHISMO



Os estudos da categoria de gênero, como o movimento feminista, surgiram no bojo da sociedade europeia ao longo do século XIX, em consonância com o período de grandes transformações sociais, principalmente as lutas libertárias e a onda de maio de 1968. Nesse sentido, a partir dos entendimentos sobre a estrutura social marcada pelo patriarcado e seus desdobramentos aprofundaram-se os conceitos de gênero e, portanto, o que é o machismo, a ideia de macho e os impactos do machismo na sociedade.

O machismo está presente ao longo da história da humanidade, contorna os alicerces de uma ordem burguesa e seus arranjos e constitui um sistema consolidado da dominação em um sistema hierárquico entre homens e mulheres.

O ideal machista divide o mundo em "o que é feminino" e "o que é masculino", como profissões, trejeitos, expressões, manifestações, comportamentos, emoções e etc. De acordo com a convenção social do machismo, o homem deve seguir o estereótipo masculino, enquanto que a mulher deverá agir segundo o que foi pré-definido como feminino. (MOSCHOVICK, 2015).

No âmago de tais questões é perceptível a conotação com a desigualdade provinda do machismo, compreendendo-o como um culto à virilidade com fusão às características de agressividade, arrogância e agressividade sexual. Em contraponto, ao que é atribuído à mulher socialmente, como identidade social construída para ser frágil, benevolente e dócil.

Nestes comportamentos, é necessário compreender como o conceito de macho se correlaciona com o machismo, e seus aprofundamentos diante da realidade. A dicotomia entre o termo "macho" e "machismo" ainda que bem curta e ambígua, desde o termo etimológico das expressões até as concepções históricas e sociais, engendram um papel difuso dentro do campo das Ciências Sociais.

Determinar o caráter sistêmico do machismo pressupõe conhecer a trajetória histórica dos usos do termo, considerando que essa trajetória conduz a direções variadas em tempos e em circunstâncias distintas. (GUTMANN, 2013, p. 72). Dessa forma, a etimologia das palavras "macho" e "machismo" encontra-se em um emaranhado de antagonismos e sentidos próprios dentro de seus desdobramentos.

Os dicionários entram em conflito sobre as raízes etimológicas do macho, ora vinculando-as a palavras latinas e portuguesas para "masculino" ou "mula", ora designando soldados andaluzes conquistadores como seus ancestrais culturais, ou a invasores gringos ianques no início do século passado. (GUTMANN, 2013).



A percepção do machismo está intimamente vinculado a mecanismos de dominação e filosofias de dominação/poder, ou seja, há uma tentativa de aprofundamento da palavra vinculando-a ao nacionalismo, racismo e relações internacionais, como uma relação concomitante, enquanto um sistema estrutural. Dessa forma, a trajetória do termo machismo é um mero pedaço de um quebra-cabeça maior no que diz respeito a visões e práticas codificadas numa forma tautológica como instâncias de machismo. (GUTMANN, 2013, p.76).

3. OS IMPACTOS DO MACHISMO NAS INTERAÇÕES SOCIAIS

O machismo é um sistema hierárquico e estrutural que visa a dominação e o controle. Nesse sentido, o poder patriarcal está presente em todo contexto sociocultural, incluindo nesse a esfera da universidade pública, com expressões de violência física, verbal e simbólica. O entendimento sobre os processos de aprendizagem internalizaram os comportamentos da sociedade, em outras palavras, o ambiente universitário compõe a sociabilidade da humanidade e dentro do processo há a reprodução do machismo e seus enfrentamentos. Para além, a educação como direito inalienável e universal no Brasil foi conquistado ao longo da história com o advento das leis e das lutas sociais para o direito de inclusão das minorias que foram subjugados e explorados pelo eurocentrismo, antropocentrismo. Assim, o meio universitário propaga o poder do “macho” em suas instituições mais subjetivas, ou seja, as desigualdades e gestos invisíveis e visíveis de silenciamento da fala de um grupo que foi retirado socialmente os direitos básicos. Dessa forma, as relações de gênero afirmam o abismo entre uma parte androcêntrica e uma minoria, legitimando a propagação do machismo dentro das instituições, haja vista que o sistema educacional não foi projetado para eliminar as iniquidades e incluir as discentes.

Se no cenário europeu as críticas sociológicas à cultura educacional revelam as contradições de valores (igualdade/segregação, desigualdade social e igualdade de oportunidade), no contexto da América Latina e, sobretudo no contexto social brasileiro, as contradições se agravam. Temos, pois, uma Universidade que foi e ainda é instrumento de reprodução da desigualdade social, do privilégio de classes. (LIMA, 2017, p.167).



O binarismo fixo de gênero fortemente presente na universidade pública, experimenta facetas que forçam a separação do que é dito como masculino e feminino, assim o poder de expressão resulta na hierarquia acadêmica entre mulheres e homens, sejam docentes/discente. Além disso, a concepção sexista presente nos cursos voltados para a lógica/cálculos sendo masculinos e os cursos referentes ao cuidado do outro e/ou da “delicadeza” serem femininos formam a nítida relação entre os processos de educação excludentes, as relações de gênero e o machismo, estes estruturam o tripé das minúcias da universidade. (LIMA, 2017). Nesse sentido, o machismo e suas estruturas repressoras dentro dos ambientes acadêmicos deve ser confrontado no dia a dia, em sala de aula, lançando mão de instrumentos para legitimar os discursos das mulheres (local de fala) e, uma estrutura que ensine sobre os impactos do machismo como forma de dominação para, assim, acirrar os discursos de desigualdade. Para Souza (2015, p.147), a ciência moderna tem um papel importante nas concepções de machismo dentro da universidade, uma vez que revela-se a maneira de elitizar os conhecimentos, conhecimento como poder, e apresentar uma ideologia que não atende às mulheres. Dessa maneira,

[...] a ciência moderna, em sua esmagadora maioria, se transformou em uma espécie ideológica que ajuda a manipular e legitimar privilégios em uma espécie de “equivalente funcional” das grandes religiões do passado. A “violência simbólica” de hoje é chancelada cientificamente por “especialistas”, de tal modo que não sai uma matéria nos órgãos de comunicação que não exijam esse tipo de “legitimação científica”, independente do que esteja sendo discutido. (SOUZA, 2015, p.147).

Pesquisa recente, em 2018, realizada pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) revelou que apenas 59% das bolsas de iniciação científica são para mulheres, já nas bolsas de produtividade, as mais prestigiadas, com maior investimento público, a parcela feminina cai para 35,5%. Dentro dos grupos de pesquisa, ainda há as bolsas denominadas como 1A, as mais altas em termos de produtividade e financiamento, mas que só prestigia 24,6% de mulheres.⁴

Ainda, apesar dos esforços das mulheres no avanço da carreira no âmbito da universidade, os espaços profissionais se tornam mais estreitos, sem entretanto, haver uma

⁴ UNIFEST. Mulheres são minoria entre reitores e nas bolsas de pesquisa mais prestigiadas. Departamento de Comunicação Institucional, SP, 01 fev. 2018. Disponível em: <https://www.unifesp.br/reitoria/dci/noticias-antiores-dci/item/3169-mulheres-salo-minoria-entre-reitores-e-nas-bolsas-de-pesquisa-mais-prestigiadas> Acesso em: 20 mar. 2021.



única explicação para o fenômeno, mas sim, um conjunto expressivo de situações, como por exemplo: a desigualdade nas divisões sexuais do trabalho (dupla jornada de trabalho), pouca representatividade feminina nas instituições que fomentam as pesquisas científicas e as extensões acadêmicas, considerando que os impactos do machismo são percebidos na menor quantidade de mulheres que compõem os cargos mais elevados, como em reitorias e no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) ⁵.

Segundo Ambrosini (2017), o Brasil possuía, em 2017, 63 universidades públicas federais, e conseqüentemente 63 reitores e vice-reitores. Desses, apenas 19 são reitoras, para 44 reitores. Vice-Reitores 21 são mulheres para 42 homens – à época, a população que constituiu o estudo foi de 61 vice-reitores, 2 a menos que o total de instituições, em decorrência dos vice-reitores não terem sido nomeados à época da coleta de dados. Desta forma é possível considerarmos que a baixa representatividade das mulheres é consequência do domínio, do poder dos homens, em instâncias de pesquisas e gestão universitária. Destarte, o contraponto para a desigualdade entre homens e mulheres nas instituições consiste na elaboração de políticas mais concisas e horizontais (participação ativa dos grupos minoritários para o planejamento), na resistência pela democracia de gênero em resposta aos ataques direcionados a autonomia da própria universidade, a presença constante de pensamento crítico, ético e construtivo para superação do capitalismo e do machismo, afinal a universidade propicia um ambiente para transformação social.

As lutas pela igualdade social exigem a ruptura com a hierarquização e a subjugação do outro; o exercício da reflexão e da busca por outra ética social implica a revisão do modo de produção capitalista. E tudo isto nos leva a afirmar que a transformação social é ação humana e, portanto, far-se-á pelo ato humano. (LIMA, 2017, p.170).

Não obstante a hierarquia presente no ambiente universitário as expressões do machismo se instalam no cotidiano de maneira velada ou não, um dos impactos mais marcantes do machismo é a violência simbólica, sexual e abuso psicológica, a qual pode ocorrer em qualquer lugar ou posição social. A mulher é oprimida e violentada pelo processo de formação pela questão de gênero e seus desdobramentos, e tendo como consequência múltiplas violências.

⁵“O CNPq nunca teve uma presidente em 66 anos de existência.” (UNIFEST, 2018).



A violência contra mulher é caracterizada como um problema social grave, pois esse tipo de violência é concebido como violação dos direitos humanos. Diante desse cenário, inúmeras iniciativas governamentais são elaboradas mundialmente a fim de envolver, conscientizar e mobilizar a população, em prol de ações orientadas ao enfrentamento dessa problemática. (CHAGAS, 2017, p.1).

Atualmente, o poder feminino está em voga com as lutas feministas e as novas ideologias de resistência ao patriarcado, assim as estruturas masculinas estão cada vez mais postas em xeque criando um novo cenário social. Reconhecer os conceitos de machismo e seus impactos na sociedade, além de fortalecer os movimentos feministas e as lutas igualitárias de gênero dentro e fora do meio acadêmico pressupõe condições para enfrentamento e estabelecimento de outra estrutura social.

4. REFLEXÃO SOBRE *MAN*TERRUPTING, *BRO*PRIATING, *MAN*SPLAINING E *GAS*LIGHTING

A violência simbólica que permeia o ambiente universitário adota inúmeras facetas, de forma velada, instaurando a desigualdade de gênero, com a dominação do machismo nos discursos. A violência sexista é sofrida pelas mulheres pela sua condição enquanto mulher, que ocorre sem distinção de raça, classe social, religião, orientação sexual, idade, entre outras condições. (MARQUES, 2016 *apud* NÓBREGA, ARAÚJO, GAMA, 2019, p.103).

Dentre os comportamentos machistas, os mais abordados são: *maninterrupting*, *gaslighting*, *bropriatin* e *mansplaining*. Nessa sequência, é importante conhecermos os significados atribuídos por estudiosos às palavras.

O termo maninterrupting surgiu em janeiro de 2015, pela jornalista Jessica Bennet, a partir do texto intitulado "How not to be 'maninterrupted' in meetings", no Jornal "The New York Times". Entretanto, Bennet relata que a criação da expressão é de seus amigos, fazendo apenas uso da mesma. (MENA, 13 dez. 2017). O termo apresenta uma união das palavras "man" (homem) e "interrupting" (interrupção), traduzido em "homens que interrompem".

Por outra, representa a interdição da fala de uma mulher, por um homem e, não concedendo à mesma um espaço de diálogo para que conclua seu pensamento. Tal comportamento está presente em reuniões, debates mistos, entre outros.⁶

⁶ Como exemplo ilustrativo, Manuela Dávila, candidata à Presidência da República, na entrevista coletiva do Roda Viva, da TV Cultura, na no dia 25E de jun. 2018, foi interrompida 62 vezes, além de perguntas



O silêncio feminino perante as violências sofridas são marcas de uma comunicação violenta, que se repete com outras mulheres quando não confrontada. É através do rompimento desse silêncio que as mudanças acontecem e os problemas começam a ser refletidos e solucionados. (CAMPO, 2018, p. 63).

Nesse sentido, a questão cultural está intrínseca a tal comportamento de mulheres quanto a ter sua fala interrompida por homens. É visível que quando se trata de uma mulher, a hierarquia não é respeitada, e inclusive as regras de um debate são quebradas. Se subentende, assim, que a fala da mulher é irrelevante e que o homem sempre tem algo mais importante a contribuir. (MARTINELLI, 2017 *apud* WERBA; CARVALHO, 2018, p.11). A longo prazo, a reprodução do *manterrupting* deixa marcas indelévels nas mulheres: "Ser constantemente interrompida gera insegurança e falta de confiança nas mulheres a respeito de suas próprias ideias, assim como medo de manifestar impressões" (MENA, 13 dez. 2017). Assim, em contexto de *manterrupting* algumas estratégias podem ser utilizadas para enfrentamento de tal situação, com assertivas vigorosas como: "Com licença, eu ainda não terminei"; outras formas: "Gostaria de terminar meu raciocínio"; "Se me deixar terminar, irá entender". Outra estratégia, consiste da mulher apoiar seus cotovelos sobre a mesa, debruçando-se, e assim, conforme pesquisas sobre postura corporal, passando a impressão de autoridade e sendo menos interrompida. (MENA, 13 dez. 2017). Concomitantemente é preciso que haja um investimento na conscientização e mudança de cultura pela sociedade, considerando que se o *manterrupting* advém de chefes, os demais funcionários homens tendem a se sentir autorizados a fazer o mesmo; nesse sentido, é preciso que as mulheres compreendam o fenômeno, identificando-o e o aponte sempre que ocorra, bem como, que as queixas das mulheres sejam respeitadas, "Os homens têm que ser orientados a mudar de postura e as mulheres têm que ser alertadas de que a prática da interrupção configura machismo, para que apoiem umas às outras", [...]. (MENA, 13 dez. 2017). Ainda, outra ferramenta, disponibilizada gratuitamente, é o aplicativo *Woman Interrupted*, desenvolvido pela empresa BETC e lançado em 08 março de 2017, com a função de contar quantas vezes a mulher é interrompida pelo homem durante uma conversa ou reunião.⁷

inconvenientes, no decorrer do Programa, enquanto Ciro Gomes, entrevistado dias antes dela, só foi interrompido 8 vezes, representando uma reprodução do machismo e do desrespeito à mulher. (Conforme <http://mulheremidia.org.br/rmm-tv-cultura-deve-desculpas-por-manterrupting/>)

⁷ Melhores informações sobre o aplicativo, acesse o link <http://www.womaninterruptedapp.com/pt/>



Outro comportamento de expressão machista é o *gaslight*. Trata-se de um termo que surgiu através do filme “*Gaslight*” ou em português “À meia-luz”, suspense, norte-americano de 1944. Nesse o personagem principal, Gregory Anton, marido de uma jovem manipula as lâmpadas (*gaslights*) da casa para piscarem em ordem aleatória, quando ela comenta sobre o acontecimento, ele afirma que ela está enlouquecendo com o intuito de interná-la e ficar com a fortuna. Em outras palavras, o personagem Gregory empreende uma manipulação psicológica metódica à sua esposa, com o propósito de levá-la à loucura, fazendo-a sentir-se mentalmente instável e cleptomânica, para que assim, duvide de suas memórias, de seu comportamento e de si mesma. Originária do idioma inglês a palavra *gaslighting* expressa “a luz (inconstante) do candeieiro a gás”. Trata-se de um abuso psicológico e/ou violência emocional na qual uma mulher é submetida a acreditar que está equivocada, apesar de certa, além de duvidar da própria lucidez da realidade, capacidade e raciocínio.

A prática do *gaslighting* não requer uma elaboração deliberada, não é necessariamente premeditada, mas envolve “[...] a crença de que é aceitável tentar alterar a realidade da outra pessoa e levar alguma vantagem, como por exemplo, se safar de um problema.” Nesse cenário de violência psicológica, o agressor esquiva-se de confrontos diretos, em várias instâncias de sua vida, não aceitando seus defeitos, falhas, nem mesmo em sua intimidade. “São pessoas que estão dispostas a proteger, a qualquer custo, sua imagem social e manifestam consternação e sofrimento por serem acusados ou por colocarem em questionamento sua integridade.” (DIÁLOGOS, 2016). Por outro aspecto, o agressor sempre nega a confrontação e, caso a reconheça, relata que a vítima não se lembra do que houve de fato ou está interpretando erroneamente o que disse ou fez. Ainda, para outras pessoas, o agressor expressa preocupação e cuidado, insinuando que a vítima é louca ou problemática, com tendências a mentira e busca a atenção dos demais. Em outras palavras, o agressor não satisfeito com a violência psicológica praticada expõe a vítima, em um cenário comum a todos. Em ambientes privado e público, as frases mais comuns de *gaslighting* são: “Você está exagerando”; “Pare de surtar”; “Não aceita nem uma brincadeira?”; “Você está louca”; entre outras. (MOVIMENTO MULHER 360, 2016). Por tais questões, “[...] o *gaslighting* é muito difícil de ser gerido pela vítima. Ela fica confusa e não consegue compreender que está sendo manipulada, vindo a duvidar da própria percepção e eventualmente de seu juízo.” (DIÁLOGOS, 2016). Essas condições exprime



relacionamentos tóxicos, sendo que uma das estratégias de enfrentamento é a terapia, enquanto alternativa para compreensão das interações que estabelecemos e, nos libertando de tal padrão de comportamento. (LAGO, 2017).

Outra postura machista se expressa através do termo *bropropriating*, o qual apresenta uma fusão das palavras “bro”, advinda de “brother” que significa irmão, mano e, a palavra “appropriating” com o sentido de apropriação, significando a anulação de uma ideia, a apropriação de um discurso e tomando para si todos os créditos, de uma pessoa à outra. (REEVES, 2015).

Assim, como o termo *manterrupting*, o termo *bropropriating* foi pronunciado pela jornalista Jessica Bennet, em seu artigo “How not to be ‘manterrupted’ in meetings”, do Jornal “The New York Times”, em janeiro de 2015, apesar de relatar que, na verdade, ambos os termos foram cunhados pelos seus amigos. (MENA, 22 dez. 2017).

Nessa situação, há uma intenção deliberada do homem em se apropriar de uma ideia relatada por uma mulher. (DRAFT, 2017 *apud* CAMPO, 2018, p. 49).

Uma forma clássica de bropropriating vem precedida da interrupção da fala de uma mulher por um homem (o chamado *manterrupting*) que, em seguida, a repete como se fosse sua. É comum que use artifícios como postura de propriedade, variações no tom de voz, na escolha de palavras etc. Outra forma usual de Bropropriating é o silêncio após uma mulher propor algo (em uma reunião, por exemplo) e, pouco tempo depois, o mesmo ser proposto por um homem e, então, ser recebido como uma ótima ideia. (MENA, 22 dez. 2017).

Como forma de enfrentamento é necessário que a vítima se mostre assertiva e enfática dizendo, por exemplo: "Gostaria de terminar meu raciocínio"; "Se me deixar terminar, irá entender"; ou, até mesmo, agressor tente ganhar no grito, é possível expor: "Com licença, eu ainda não terminei", entre outras afirmações. (LAGO, 2017).

Outra situação, o *mansplaining*. Surgiu após Rebecca Solnit participar de um programa de televisão sobre política, onde um convidado homem, explica-lhe um conceito o qual tinha domínio intelectual. Após esse fato, Rebecca escreve o livro “Men explain things to me”, gerando muita repercussão, por várias mulheres se identificarem com a situação. Assim, tal discussão cunhou o termo *mansplaining* (LEWIS, 2014 *apud* WERBA; CARVALHO, 2018, p.13). A palavra é junção de “man” (homem) e “explaining” (advindo do verbo explicar). Refere-se à situação de um homem explicar um assunto óbvio para uma mulher, por acreditar que possui mais conhecimento do que ela e/ou a mulher possui



dificuldades exacerbada para entender o tema abordado. Situações de *mansplaining* normalmente está associado ao *maninterrupting*, neste processo, o homem interrompe constantemente a fala de uma mulher para explicar e demonstrar que sabe mais do que ela. (MOVIMENTO MULHER 360, 2016).

Os comportamentos supracitados não exige o meio universitário, ao contrário, a universidade brasileira é permeada por atitudes de machismo, inibindo o crescimento profissional das mulheres, bem como as adoecendo.

Em 2017, o Instituto Federal do Amapá, *Campus* de Santana, promoveu uma pesquisa com o objetivo de mapear os comportamentos de *maninterrupting*, *gaslighting*, *bropropriatin* e *mansplaining* no âmbito universitário. Os resultados do estudo apontaram para a existência de *bropropriating* e *maninterrupting* e a presença de mais homens em cargos de chefia (68% homem e 32% mulher), evidenciando a expressiva desigualdade de gênero e seus desdobramentos na área profissional. (NÓBREGA; ARAÚJO; GAMA, 2019, p.143).

Outra prática do machismo, no contexto acadêmico consiste no uso de uma linguagem sexista universal que reforça a dominação masculina – conceito explicado por Bourdieu como “máquina simbólica” – e a discriminação. Conseqüentemente, a junção desta linguagem com comportamentos como *maninterrupting*, *bropropriating*, *mansplaining* e *gaslighting* restringe as ideias, os discursos e a construção subjetiva das mulheres.

Para Barbosa (2014), a construção da linguagem sexista na sociedade originou-se no patriarcado. Assim, o processo da linguagem, seja verbal ou escrita, é a principal maneira de comunicação, sendo a forma que o indivíduo interage com o meio externo, internaliza subjetividades e molda características sociais de interação.

A partir desse apontamento, a linguagem sexista é trajada de um simbolismo machista que enaltece um gênero, no caso, o masculino. O masculino detém o poder hierárquico, e assim, o domínio da escrita e seus desdobramentos (verbos, substantivos, pronomes e outros). Em outras palavras, os artigos e/ou pesquisas no meio universitário passam por um viés documentado sexista, visto que o gênero masculino deteve o controle do setor público e dos meios de produção, além dos campos linguísticos e sociais. A prepotência ensinada através do sistema patriarcal, até mesmo de maneira sutil, preconiza também os comportamentos/discursos verbais descritos anteriormente, como *maninterrupting*, *bropropriating*, *mansplaining* e *gaslighting*.



O domínio desta disciplina facilitou a criação do privilégio na linguagem, através de narrativas que invisibilizam o gênero feminino. Enfim, o masculino como universal, se solidificou como mais uma das formas de dominação de gênero e se legitimou pelas regras gramaticais. (COLLING, 2004 *apud* WERBA; CARVALHO, 2018, p.6).

Sendo assim, o patriarcado, a discriminação de gênero nascem da necessidade de subordinar as mulheres e legitimar o poder masculino, sendo a síntese dos processos de violência e formas de silenciar o gênero feminino, portanto, sucumbindo suas características, sua voz, suas habilidades e seus feitos, para então, se utilizar de mecanismos de cooptação destas e ratificar o poder ao máximo. Para Werba e Carvalho (2018, p.7) na medida em que o masculino é reconhecido como suficiente e universal para representar a espécie humana, evidencia-se a marcação de seu território e superioridade. Com a evidência da hegemonia masculina, sob a ótica patriarcal, as construções que se fixaram ao longo da história, firmada no tripé da Igreja, da escola e da família são postas em xeque, reconhecendo-as como estruturas, como *lócus* de violência, de linguagens sexistas, comportamentos machistas como *manterrupting*, *bropropriating*, *mansplaining* e *gaslighting*. Compreendemos que o estudo e trabalho sobre essas estruturas, possibilitam a problematização e enfrentamento das desigualdades nas relações de gênero, com intuito de legitimar as lutas femininas, a identificação de discriminações nos meios acadêmicos profissionais, a busca por igualdade de gênero, por fim, levar o empoderamento e voz para as mulheres.

CONCLUSÕES

A partir da compreensão abordada nos apêndices teóricos relatados na pesquisa, sobre os comportamentos machistas: *manterrupting*, *bropropriating*, *gaslighting* e *mansplaining*, foi crível elucidá-los, tornando-nos possível aprofundar as origens das atitudes machistas citadas, explicar como essas ocorrem e confirmar a presença da cultura machista dentro do meio universitário.

No mais, essa pesquisa dispõe de um caráter principal, com uma tese voltada para contemporaneidade e para temáticas recorrentes voltadas à questão de gênero, aos desdobramentos do machismo e suas consequências, as formas de violência de gênero, as



desigualdades oriundas do sistema patriarcal, entre outros, são pautas relevantes para o entendimento e superação do fenômeno social para além da comunidade acadêmica.

Apesar de o machismo acompanhar a historicidade humana, cabe-nos compreender os mecanismos de dominação provenientes deste, adotar uma mudança de postura diante da realidade apresentada para romper com os moldes do patriarcado, que perpetua as dinâmicas iníquas entre mulheres e homens, por meio de poder e violência simbólica de submissão e silenciamento das mulheres.

Dessa forma, a universidade como parte da construção da subjetividade coletiva e cultural tem papel primordial na composição do cenário de superação do modelo machista e apresentar condições para combater e não propagar os discursos advindo do machismo.

REFERÊNCIAS

AMBROSINI, Anelise. **A representação das mulheres como reitoras e vice-reitoras das Universidades Federais do Brasil: um estudo quantitativo**. XVII Colóquio Internacional de Gestão Universitária, Santa Catarina, nov. de 2017. Disponível em: <<https://core.ac.uk/reader/132121982>>. Acesso em: 2 de jul. de 2021.

BORIS, Georges; BLOC, Lucas. Violência e masculinidade. Fortaleza: Poder e Violência, n.1, p.1-11, 1996. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/299714013_VIOLENCIA_E_MASCULINIDADE>. Acesso em: 3 de maio de 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1998.

CAMPO, Louise Ariane de. **Quando elas entram em pauta**. Universidade Federal do Pampa, Campus São Borja, São Borja, dez. de 2018.

CHAGAS, Letícia; CHAGAS, Arnaldo. **A posição da mulher em diferentes épocas e a herança social do machismo no Brasil**. O portal dos psicólogos, p.1-8, julho de 2017. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1095.pdf>>. Acesso em: 31 de abr. de 2021.

DIÁLOGO. Espaço de Psicologia. **Gaslighting** – uma forma de violência sutil, à meia luz. 30 abril 2016. Disponível em: <https://dialogopsi.com.br/blog/gaslighting-uma-forma-sutil-de->



violência/ Acesso em 20 jan. 2021.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

GUTMANN, Matthew. O machismo. **Revista Antropolítica**, Niterói, n. 34, p. 95-120, 1. sem. 2013.

JOST, A. Le développement sexuel prénatal. In: SULLEROT, Evelyne (ed.) **Le fait féminin**. Fayard, 1978. P. 85-90.

LAGO, Daniela. **É interrompida ao falar?** Como escapar de 4 atitudes machistas no trabalho. 29 jan. 2017. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/blogs-e-colunas/coluna/daniela-lago/2017/01/29/e-interrompida-ao-falar-como-escapar-de-4-atitudes-machistas-no-trabalho.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 10 dez. 2021.

LIMA, Josélia Barroso Queiroz . O poder masculino na esfera da universidade pública. **Unidade e sociedade ANDES-SN**. v. 16, p. 164-171, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, jul. de 2017. Disponível em: <<http://portal.andes.org.br/imprensa/publicacoes/imp-pub-2013467790.pdf>>. Acesso em: 30 de abr. de 2021.

MENA, Isabela. **Verbete Draft Feminismo nos negócios**: o que é Bropropriating. 22 dez. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/verbete-draft-feminismo-nos-negocios-o-que-e-bropriating/> Acesso em: 30 jan. 2021.

MENA, Isabela. **Verbete Draft Feminismo nos negócios**: o que é bropropriating. Projeto Draft, dez. de 2017. Disponível em: <<https://www.projeto draft.com/verbete-draft-feminismo-nos-negocios-o-que-e-bropriating/>>. Acesso em: 15 de jul. de 2020.

MENA, Isabela. **Verbete Draft feminismo nos negócios**: o que é manerrupting. 13 dez. 2017. Disponível em: <https://www.projeto draft.com/verbete-draft-feminismo-nos-negocios-o-que-e-manerrupting/> Acesso em: 20 jan. 2021.

MOSCHOVICK, Marília. **Machismo, a opressão primeira**. Disponível em: http://repositorio.geracaoweb.com.br/20150325_114604coletanea_de_textos_para_proposta_do_machismo__9_ano.pdf Acesso em: 30 abr. 2018.

MOVIMENTO MULHER 360. MM360 explica os termos gaslighting, mansplaining, manerrupting e bropropriating, 2016. Disponível em:



<<http://movimentomulher360.com.br/mm360-explica-os-termos-gaslighting-mansplaining-bropropriating-e-maninterrupting>>. Acesso em: 13 de jul. de 2021.

NÓBREGA, Mariane Bezerra; ARAÚJO, Rodrigo Leite Farias de; GAMA, Luiz Gustavo Paixão de. Práticas contemporâneas de desigualdade de gênero e qualidade de vida no trabalho no serviço público. **Revista de Administração Educacional**, v.10, n.1, p.129-146, jan/jul de 2019.

REEVES, A. N. **Mansplaining, Maninterrupting & Bropropriating: Gender Bias and the Pervasive Interruption of Women**. Yellow Paper Series, Nextions, 2015.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Sociedade**, v.16, p. 5 – 22, Porto Alegre: Faculdade de Educação da Universidade do Rio de Grande do Sul, 1990.

SOUZA, J. **A tolice da inteligência brasileira**. 1. ed. São Paulo: Leya, 2015.

UNIFESP. Mulheres são minoria entre reitores e nas bolsas de pesquisa mais prestigiadas. Departamento de Comunicação Institucional, SP, 01 fev. 2018. Disponível em: <https://www.unifesp.br/reitoria/dci/noticias-anteriores-dci/item/3169-mulheres-salo-minoria-entre-reitores-e-nas-bolsas-de-pesquisa-mais-prestigiadas> Acesso em: 20 mar. 2021.

WERBA, Graziela Cucchiarelli; CARVALHO, Michele Chinelato de. Não nos deixam falar, então não somos interrompidas: a linguagem sexista propagando a discriminação de gênero. **Conversas Interdisciplinares**, n.1, v.14, p.1-20, maio de 2018.